

Resenha

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. *Reflexões sobre a Religião*. Ribeirão Preto: Agrya Editora, 2025.

Ana Maria Correa Moreira da Silva¹

No livro *Reflexões sobre a Religião*, o filósofo e professor Luiz Henrique Dutra oferece-nos uma análise perspicaz e equilibrada do conceito plural de religião, bem como do complexo fenômeno da espiritualidade. Com base numa metafísica naturalista e numa ética humanista, o livro aborda diversas facetas da discussão contemporânea sobre a experiência religiosa individual e sua manifestação na sociedade, através das religiões institucionalizadas. A proposta do livro é valorizar a religião como experiência pessoal que leva o indivíduo a ser ético e compassivo, revelando de forma quase autobiográfica a opção do autor pela rejeição de uma neutralidade vazia, face ao objeto tão fundamental de que trata a filosofia da religião.

Na Introdução, Dutra toma como ponto de partida a crítica de Freud a respeito da religião em *O Futuro de uma Ilusão*, para analisar o que ele chamou de *O Presente de uma Desilusão*. Este termo refere-se à percepção atual de que somente uma religiosidade genuína pode trazer benefícios individuais e sociais, sendo então construído ao longo da obra um conceito de religião autêntica, de base teísta ou não. Em sua análise conceitual, a obra sugere tratar-se de uma noção de semelhança de família, que pode incluir tanto uma dimensão ética, quanto uma dimensão relacional com uma divindade.

No primeiro capítulo, “John Hick: o Real e suas manifestações”, Dutra reflete criticamente sobre algumas ideias do autor do clássico “Uma interpretação da religião”, que foca nas grandes tradições religiosas, como o Cristianismo, o Judaísmo, o Hinduísmo e o Islamismo. Também chamadas de religiões *pós-axiais*, elas possuem

¹ Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005), mestrado em Filosofia (Lógica e Metafísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013). De 2015 a 2017, realizou estágio de Pós-Doutorado em Filosofia na PUC/Rio, na área de Metafísica da Ciência. Atualmente é Pesquisadora Colaboradora Plena junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), na qual realiza pesquisas sobre Filosofia da Religião. E-mail: ana.maria@unb.br.

natureza soteriológica, expressa na tentativa de o indivíduo lidar com o mal e o sofrimento que existem no mundo. O conceito de “Real Transcendente”, que se relaciona com o rico conceito de *mito* e ampara o pluralismo religioso de Hick, é questionado à luz de uma reflexão sobre a experiência espiritual, que também está presente nas religiões *pré-axiais*, isto é, anteriores à formação das igrejas e à sistematização de suas doutrinas. Dutra também compara as noções de fé e crença em Tomás de Aquino e David Hume, trazendo ainda para a discussão aspectos do chamado *budismo naturalizado*, que será aprofundado em outro capítulo.

A pergunta que dá título ao segundo capítulo, “Por que tentamos provar que Deus existe?”, é esmiuçada numa reflexão crítica a respeito de suas motivações, que podem ser a tentativa de convencimento cognitivo a respeito de uma questão existencial que, para o autor, é irrespondível. Dutra passa então a discorrer sobre o chamado Argumento Cosmológico *Kalam*, que busca provar que o universo teve um começo ou causa primeira, identificada com um Criador, ele mesmo *incausado*. Em sua reconstrução do argumento com premissas adicionais, ele defende que se trata de uma tentativa de se lidar com o que chama de *conceitos-limite* – como Deus, causa, existência, infinito e nada –, que apenas revelam o cometimento de erros categoriais. A natureza do tempo é igualmente analisada, com base numa interpretação filosófica de modelos científicos desenvolvidos por Arthur Eddington e Carlo Rovelli.

No terceiro capítulo, “A natureza dos objetos religiosos”, Dutra defende a ideia de que os objetos religiosos são abstratos e culturais, desempenhando um papel preponderante nas experiências religiosas, assim como outros objetos culturais o fazem nas experiências estéticas. No entanto, quanto à necessidade de uma correspondência entre o objeto experimentado e a realidade, o autor reconhece uma diferença na natureza desses dois tipos de experiência. Ele descreve ainda as diversas formas de espiritualidade – oração, contemplação, meditação, consolação, êxtase místico e transe –, as quais, junto com suas consequências individuais e coletivas, ajudam a distinguir entre uma fé sincera e uma ilusão religiosa.

A intrincada relação entre temporalidade e atemporalidade é tratada no quarto capítulo, cujo título ecoa a célebre pergunta ironizada por Agostinho em suas *Confissões*: “O que Deus fazia antes de criar o mundo?”. São analisadas as ideias do filósofo de Hipona sobre a relação entre passado, presente e futuro, bem como o papel aí desempenhado pela memória, percepção e expectativa. Com propriedade, Dutra

destaca as dificuldades de se compreender a criação de um universo temporal por um Deus atemporal, as quais desaguam na constatação de que o universo pode ser, afinal, *coeterno* com seu Criador. O autor discute ainda a vinculação entre tempo e movimento, bem como sua tese de que o tempo é uma realidade emergente na escala humana, apresentada em seu livro *A perspectiva temporal*.

No quinto capítulo, temos um exame da “Crença garantida de Alvin Plantinga”, em que o filósofo analítico cristão defende que a crença cristã está garantida pelo funcionamento adequado do intelecto humano, encontrado originalmente no chamado *sensus divinitatis* de Aquino e Calvino. Dutra analisa a crítica de Plantinga às ideias de Marx e Freud sobre a religião, constatando que ela teria injustificadamente deixado de lado a concepção de Nietzsche. O papel da racionalidade nas crenças também é investigado por ele, que, de modo pragmático, relativiza a suposta irracionalidade de se viver sob determinada ilusão, como no caso de um indivíduo que encontra conforto existencial na religião que abraça. É rica a sua reflexão sobre os conceitos de *mito* e *ilusão*, a qual revela a complexidade desses aspectos inalienáveis da existência humana.

O sexto capítulo brinda-nos com um exame da concepção de “Bertrand Russell sobre as Religiões”, em que aparece a oposição entre religião institucional e religião pessoal, bem como a opção do filósofo inglês por esta em detrimento daquela, motivado por sua crítica à atuação das instituições religiosas em diversos momentos da história. Dutra argumenta que não se sustenta a separação rígida entre ambas, isto é, entre *iluminação* pessoal e *dogma* institucional, porque o indivíduo é o que é sempre dentro de uma sociedade. A discussão envolve ainda o papel do sentimento e da razão nas crenças, bem como a necessidade de substituição do medo pelo sentimento de *infinitude*, como motor da experiência religiosa. O autor apresenta ainda questionamentos quanto a posições inconsistentes de Russell sobre o tema, incluindo suas ideias sobre o budismo, que ele vai aprofundar no capítulo seguinte.

“O Budismo como espiritualidade e ética” é o tema do sétimo capítulo, em que Dutra examina três diferentes correntes do budismo – o budismo naturalizado de Owen Flanagan, o budismo secular de Stephen Batchelor e a tradição Chan (o Zen chinês). O objetivo é elaborar a sua própria proposta de budismo, que ele chamou de *minimalista*, isto é, desprovida de uma carga metafísica e teológica por ele considerada desnecessária. Trata-se de *des-iludir* e *desmitologizar* o budismo, a fim

de que nele permaneçam apenas uma perspectiva ética e uma ontologia naturalizada, como resultado de uma experiência espiritual autêntica. Sua argumentação faz referência a ideias contidas em outras partes da obra, buscando o fio condutor de sua reflexão multifacetada sobre o conceito de religião.

No oitavo e último capítulo, “Filosofia e teologia”, Dutra retoma mais uma vez alguns temas de capítulos anteriores, a fim de enriquecer a sua investigação sobre a relação entre esses dois ramos do saber humano, que se vinculam dialeticamente em seu tratamento pelos filósofos da religião. O autor compara ainda a filosofia com a antropologia em termos de seu objeto de estudo, perguntando se a *neutralidade* da segunda deveria também se aplicar à primeira, do que discorda. Para ele, a religião é algo muito mais *envolvente*, não permitindo ao filósofo que dela se ocupa renunciar a uma avaliação moral e epistemicamente rigorosa, inclusive em busca de modelos de divindade logicamente consistentes.

À guisa de conclusão, o capítulo aborda novamente a relação entre religião e mito, reconhecendo que os mitos fazem parte de nosso arcabouço espiritual, podendo ser benéficos para nossa existência. Para Dutra, entender melhor o mito, inclusive o religioso, é ser místico de uma maneira mais elaborada e conseqüente, cujo resultado é a adoção de uma ética humanista que valoriza o que há de mais precioso na experiência religiosa.

Sendo assim, ao longo de suas 334 páginas, o livro *Reflexões sobre a Religião* vai conduzindo o leitor pelo labirinto fascinante do fenômeno religioso, que é abordado sob diversos prismas, com profundidade e abrangência. O resultado é uma leitura estimulante que destaca a importância de uma experiência espiritual verdadeira, para dar sentido à existência.

Recebido: 30/04/2025
Aprovado: 06/06/2025